

Antonio Gonçalves Peryassú e o estudo dos mosquitos para sanear o Brasil: uma resenha biográfica

Antonio Gonçalves Peryassú and the study of mosquitoes to sanitize Brazil: a biographical review

Ricardo Lourenço-de-Oliveira¹ , Francisco dos Santos Lourenço² 

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

² Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

A entomologia médica, em especial o estudo dos mosquitos visando à profilaxia e ao controle de doenças por eles transmitidas, é uma disciplina surgida na virada do século XIX para o XX. As pesquisas sobre mosquitos realizadas no Rio de Janeiro por Oswaldo Cruz e seus colaboradores e discípulos, como Antonio Gonçalves Peryassú, foram fundamentais. Médico, sanitarista, professor e pesquisador, Peryassú fundamentaria grande parte de sua trajetória profissional nos conhecimentos conquistados sobre os mosquitos, como buscamos aqui delinear.

Palavras-chave: História da Ciência; Entomologia; Saúde Pública; Biografia.

ABSTRACT

Medical entomology, especially the study of mosquitoes for the prophylaxis and control of diseases transmitted by them, is a discipline that emerged at the turn of the 19th to the 20th century. The research on mosquitoes conducted in Rio de Janeiro by Oswaldo Cruz and his collaborators and disciples, such as Antonio Gonçalves Peryassú, was fundamental. Physician, public health specialist, professor, and researcher, Peryassú based much of his career on the knowledge acquired about mosquitoes, as we seek to outline.

Keywords: History of Science; Entomology; Public Health; Biography.

INTRODUÇÃO

A partir da última década do século XIX, foram feitas descobertas decisivas acerca do envolvimento de artrópodes na transmissão de parasitos humanos. Nesse sentido, destacam-se os achados de Patrick Manson (1844–1922), Ronald Ross (1857–1932) e Charles Louis Alphonse Laveran (1845–1922), que revelaram o papel dos mosquitos na transmissão da filariose bancroftiana e da malária, propiciando notável impulso nas pesquisas sobre esses dípteros até então pouco investigados^{1,2}. No início do século XX, com a descoberta de que a febre amarela era também transmitida por um mosquito, o *Aedes aegypti*, intensificou-se ainda mais o estudo da sistemática e biologia desses insetos, de modo a se organizarem as ações de vigilância e controle, voltadas para os alvos corretos.

Em 1899, o Museu Britânico de História Natural, em Londres, criou uma rede de coleta e remessa de mosquitos de todo o mundo para a sua sede e

contratou Frederick Vincent Theobald (1868–1930) para realizar um inventário que permitisse identificar as espécies vetoras da malária. A partir do acervo reunido e de correspondência trocando opiniões com vários pesquisadores, entre os quais se destaca Adolpho Lutz (1855–1940), Theobald publicou um trabalho monográfico³ com propostas de organizações taxonômicas para os mosquitos, que seriam essencialmente apoiadas e adotadas por Lutz.

Outra frente de estudos de mosquitos organizou-se no Museu de História Natural, em Washington D.C.. Nela destacam-se as contribuições de Leland O. Howard (1857–1950), Harrison G. Dyar (1866–1929) e Frederick Knab (1865–1918), que propuseram o uso de diferentes caracteres adotados em Londres nas organizações taxonômicas e definição das espécies, como aqueles da genitália masculina ou das formas imaturas^{4,5,6}, sugestão refutada por líderes ou competidores, como Theobald e Lutz, mas que

Correspondência / Correspondence:

Ricardo Lourenço-de-Oliveira

Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Mosquitos Transmissores de Hematozoários

Av. Brasil, 4365. Bairro: Manguinhos. CEP: 21045-900 – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil – Tel.: +55 (21) 2562-1237

E-mail: lourenco@ioc.fiocruz.br

paulatinamente se mostrariam mais naturais que aquelas do entomologista britânico^{7,8,9,10}.

O ESTUDO DE MOSQUITOS NO BRASIL NO RAIAR DO SÉCULO XX

No Brasil, as descobertas feitas pelos europeus de que mosquitos não eram apenas insetos incômodos e desagradáveis por suas picadas tiveram repercussão imediata junto aos nossos pesquisadores. Em São Paulo, Lutz já havia indicado anofelinos, mais tarde conhecidos como *Anopheles cruzii*, como transmissores da malária durante a construção de ferrovia na Serra de Cubatão¹¹. Ainda que outros pesquisadores brasileiros também se devotassem ao estudo dos mosquitos na aurora do século XX, como Celestino Bourroul (1880–1958) e Emílio Goeldi (1859–1917), inclusive produzindo obras pioneiras^{12,13}, Lutz se tornaria a principal referência a respeito desses insetos no Brasil¹⁴.

No Rio de Janeiro, o estudo dos mosquitos teve no Instituto Soroterápico Federal (1900), "Instituto de Manguinhos", depois Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos (1907), e finalmente Instituto Oswaldo Cruz (1908), sua "sede" e "escola" desde os seus primórdios. A capital da República, endêmica de malária, carecia de conhecimento sobre os anofelinos vetores e o próprio diretor técnico de Manguinhos, Oswaldo Cruz (1872–1917), publicou o primeiro trabalho científico da Instituição, consistindo na descrição de uma espécie nova, o *Anopheles lutzii*¹⁵. Oswaldo Cruz, precocemente, inaugurou, em seu Instituto, linhas de pesquisas originais em vários campos, inclusive na entomologia médica. Henrique Aragão (1879–1956), um dos pioneiros de Manguinhos, apresentou o seguinte panorama em relação a esse feito do "mestre"¹⁶:

Oswaldo por seu lado, investigava vários assuntos: a fórmula hemoleucocitária nas infecções e intoxicações, a vacina antipestosa, os mosquitos transmissores do paludismo, a tuberculose e ainda encontrava tempo para fazer excursões [...] à zona, na época muito malarígena, de Sarapuhy, na baixada fluminense, afim de capturar anofelinos.

Logo, esse ambiente de pesquisa, "plural e inovador", atraiu médicos e estudantes de medicina interessados em aprimorar suas habilidades profissionais e desenvolver teses de doutoramento¹⁷. A entomologia médica seria tema de alguns deles na primeira década do século XX, como Carlos Chagas (1878–1934), Arthur Neiva (1880–1943) e Antonio Gonçalves Peryassú (1879–1962)^{14,18}. O último se especializaria em mosquitos.

ANTONIO GONÇALVES PERYASSÚ: UM PARAENSE ENTRE OS PIONEIROS NA CULICIDOLOGIA NO BRASIL

Natural de Igarapé-Miri, interior do estado do Pará, Antonio Gonçalves Peryassú nasceu no dia 19 de novembro de 1879, filho de Napoleão Manoel Gonçalves e Benedita Pinheiro Gonçalves (Figura 1). No período da "belle époque amazônica", estudou na Escola Modelo, anexa à Escola Normal, e no Liceu Paraense, tradicionais estabelecimentos públicos de ensino de Belém¹⁹. Antes de se transferir para o Rio de Janeiro com o propósito de cursar medicina, obteve em 1902 o diploma de farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia²⁰. Peryassú se casou com a também paraense Georgina Nunes Bezerra, neta de Antonio Gonçalves Nunes, barão de Igarapé-Miri, tendo com ela quatro filhos: Demétrio, que seria médico como o pai e prestigiado dermatologista, Dagmar, Carmen e Célia (Figura 2).



Fonte: Acervo de Carlos Eduardo Netto Teixeira.

Figura 1 – Documento de identidade de Antonio Gonçalves Peryassú



Fonte: Acervo da família Bezerra da Rocha Moraes.

Figura 2 – Peryassú posa com sua esposa, Georgina Nunes Bezerra, e suas três filhas: Dagmar, Carmen e Célia

Em 1903, ao ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FMRJ), Peryassú testemunhou a eclosão de uma epidemia grave de febre amarela que resultou em centenas de doentes e mortos na capital federal²¹. Para fazer frente a esse desastre sanitário, Oswaldo Cruz, no comando da Diretoria Geral de Saúde Pública, recrutou estudantes para o recém-criado Serviço de Profilaxia da Febre Amarela (SPFA), que contava com uma brigada de 2.500 homens. Embora o número de casos e a letalidade da doença tivessem diminuído em 1904, Peryassú foi nomeado, por Oswaldo Cruz, como auxiliar acadêmico do SPFA²², função que exerceu de forma ininterrupta até concluir o curso médico.

Na ausência de vacina, a profilaxia e o controle da febre amarela eram essencialmente restritos ao combate ao *Ae. aegypti*, àquela altura denominado *Stegomyia callopus*. A atuação de Peryassú nas campanhas antiamarílicas o aproximaria da entomologia médica, e as ações de campo do próprio SPFA (Figura 3) resultariam na reunião de farto material útil à confecção de sua futura tese de doutoramento.

Assim, Oswaldo Cruz estimulou o jovem paraense a desenvolver, em Manguinhos, uma tese baseada em mosquitos. Trata-se da "primeira tese sobre insetos" na história da Instituição²³. Os conteúdos do proêmio desse trabalho monográfico e da correspondência entre Oswaldo Cruz e Lutz, apontam que o próprio Oswaldo

orientou o estudo de Peryassú, com a colaboração de seu assistente Arthur Neiva. Porém, durante a elaboração da tese, entre 1906 e 1907, Oswaldo Cruz fez consultas a Lutz sobre algumas dúvidas surgidas quanto à distribuição geográfica e definição taxonômica de espécies de mosquitos, além de pedir autorização para que Peryassú utilizasse um esquema que Lutz havia produzido sobre padrões de manchas nas asas de um *Toxorhynchitinae*, subfamília de mosquitos não hematófagos muito coloridos. Oswaldo Cruz chegou a cogitar o envio de Peryassú para uma capacitação junto a Lutz, em São Paulo, no ano de 1907, mas desistiu devido ao prazo curto que o pupilo teria para defender a tese¹⁴.

Em Manguinhos, Peryassú pôde usufruir da troca de conhecimento com pesquisadores que ali já vinham estudando e colecionando mosquitos e do exame desse material de referência²⁴. Durante a elaboração da tese, surgiram as primeiras produções acadêmicas de Peryassú: publicou uma nota sobre o mosquito silvestre *Dendromyia medioalbipes*²⁵, foi a São Paulo, em 1907, expor os resultados parciais de sua pesquisa de doutoramento no VI Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia²⁶, e os mosquitos por ele estudados participaram da coleção que Oswaldo Cruz exibiu, com sucesso, na Exposição de Higiene anexa ao XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia de Berlim²⁷.



Fonte: Acervo de Marcius Peryassú.

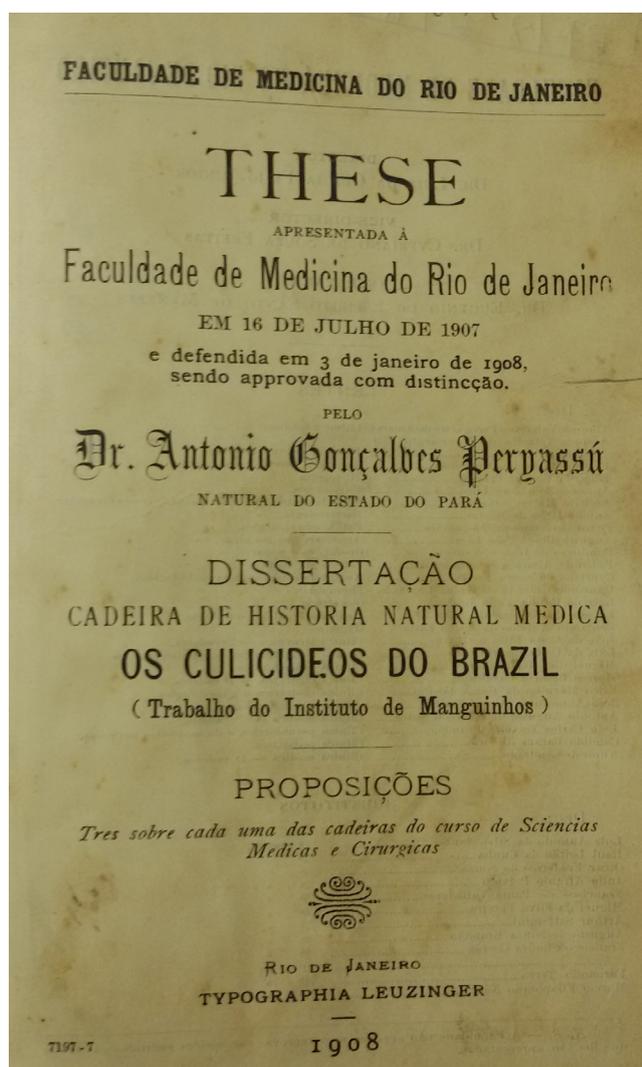
Figura 3 – Peryassú examinando material ao microscópio óptico monocular à custa da luz solar que penetra pela janela e é refletida pelo espelho do equipamento. Ao lado direito da mesa, vê-se uma caixa de transporte para o tipo de microscópio usado, sugerindo que o exame está sendo feito em local improvisado, possivelmente na sede do Serviço de Profilaxia da Febre Amarela, no centro da cidade do Rio de Janeiro

Intitulada "Os culicídeos do Brasil" e declarada como "Trabalho do Instituto de Manguinhos", a tese de Peryassú foi apresentada à Cadeira de História Natural Médica, da FMRJ, em 16 de julho de 1907, e defendida em 3 de janeiro de 1908²⁸ (Figura 4). A banca examinadora, composta por Antonio Augusto de Azevedo Sodré (1864–1929), Oscar Frederico de Souza (1870–1941), Júlio Afrânio Peixoto (1876–1947) e Raul Leitão da Cunha (1881–1947), elogiou a tese, tendo Peixoto assim se dirigido ao discípulo de Oswaldo Cruz: "Saúdo em V. Ex. o Theobald brasileiro!"²⁹.

Na tese foram abordados aspectos da taxonomia, sistemática, distribuição geográfica, comportamento, biologia e controle dos mosquitos. No que concerne à taxonomia e sistemática, Peryassú incluiu as descrições originais de oito espécies novas para a ciência, sendo que em seis delas os autores eram dois pesquisadores de Manguinhos e o seu consultor, Adolpho Lutz. A autoria dessas seis espécies lhe tinha sido equivocadamente atribuída por décadas e apenas recentemente corrigida^{10,24,30}, sendo: *Arribalzagia pseudomaculipes* Chagas (= *Anopheles pseudomaculipes*), *Cyclolepteron intermedius* Chagas (= *Anopheles medialis* Harbach), *Taeniorhynchus albicosta* Chagas (= *Coquillettidia albicosta*), *Myzorhynchella gilesi* Neiva (= *Anopheles*

gilesi), *Megarhinus fluminensis* Neiva (= *Toxorhynchites theobaldi* Dyar & Knab) e *Janthinosoma albigenu* Lutz (= *Psorophora albigenu*). Duas espécies são de sua própria autoria: *Melanoconion chrysothorax* (= *Culex chrysothorax*, *nomen dubium*) e *Sabethes purpureus* [= *Sabethes purpureus* (Theobald)].

Mas, como a forte opinião de Lutz teve influência na elaboração da tese, e este seguia a escola britânica, as partes relativas à taxonomia de "Os culicídeos do Brasil" foram essencialmente inspiradas nas propostas de classificação de Theobald. Pouco antes da defesa da tese, Oswaldo Cruz, em visita a Washington, em 1907, ficou impressionado com o trabalho dos norte-americanos e lamentou que seu orientando tivesse desprezado as propostas desses últimos e seguido Theobald sem questionamento. A tese de Peryassú, embora extensa e bem ilustrada para os padrões da época, não teria trazido original contribuição para a taxonomia e sistemática dos mosquitos do mundo, segundo opinião de Knab, em carta a Lutz, em 1909¹⁴. Mas, o reconhecimento do esforço de Peryassú foi traduzido em homenagem com a descrição do mosquito *Anopheles periyassui* por dois norte-americanos, dentre os quais o próprio Knab³¹.



Fonte: Acervo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Figura 4 – Capa da tese de doutoramento de Peryassú

Além da taxonomia, a tese incluiu rica informação no que tange à biologia e ao comportamento das espécies tratadas, com maior ênfase àquelas vetoras de doenças que grassavam no país, gerando inclusive proposta original para o controle do mosquito vetor da febre amarela urbana, o *Ae. aegypti*. Tal proposição de controlar o inseto, que representava uma das principais ameaças à saúde pública e desenvolvimento do país, com o simples uso da água do mar recebeu particular atenção da imprensa tanto leiga quanto acadêmica da época²⁹.

A tese de Peryassú também ofereceu um conjunto considerável de dados sobre a importância sanitária atribuída por ele a algumas espécies. Mas, talvez, um dos maiores méritos da tese seria a compilação, numa só obra, das informações progressas sobre as espécies de mosquitos do Brasil que se encontravam dispersas até então²⁴. Nela, merece destaque a existência de um grande e singular mapa, impresso a cores, com a distribuição geográfica de 43 espécies de mosquitos

detectadas no Rio de Janeiro, assinalando a ocorrência de cada uma segundo as ruas ou mesmo quarteirões da cidade³². Nesse mapeamento, ficou clara a utilidade da informação entomológica nas ações de vigilância e controle. Para Peryassú³³:

É notável a distribuição da *Stegomyia calopus* no centro da cidade em relação com os ex-fócos amarílicos.

Nesta distribuição servimo-nos de amostras de larvas e imagens colhidas e capturadas em excursões systematicas e em tempos diversos a quasi todos os bairros da cidade, feitas sobretudo pelo Serviço de Prophylaxia da Febre Amarella. As larvas e as imagens eram classificadas no laboratório e as larvas desconhecidas acompanhadas em sua evolução até o estado de imagem quando era identificada.

Temos também como objectivo mostrar as zonas da cidade onde é possível desenvolver-se o paludismo, a febre amarella e a filariose, pela existencia de vehiculadores nesses pontos.

A tese foi ricamente ilustrada por desenhos e microfotografias de alto poder descritivo*, confeccionados, respectivamente, por Manoel de Castro Silva (?–1934) e Joaquim Pinto da Silva, o J. Pinto (1884–1951), os primeiros profissionais contratados por Oswaldo Cruz para desenvolverem, em Manguinhos, esses trabalhos³⁴. A tese foi impressa no Rio de Janeiro³³ e amplamente referenciada dentro e fora do país^{19,35}.

O ESTUDO DOS MOSQUITOS COMO BASE PARA COMBATER ENDEMIAS: PERYASSÚ MÉDICO SANITARISTA

Em 1908, a despeito do considerável investimento no estudo dos mosquitos em Manguinhos, Peryassú deixou o Rio de Janeiro, voltando a se radicar em seu Estado natal, após uma breve temporada no exterior ainda nesse mesmo ano^{35,36,37}. Pouco se sabe a respeito de suas missões ao estrangeiro. Ele teria visitado importantes centros de pesquisas da Europa, como os institutos Pasteur de Paris e de Medicina Tropical de Berlin e Londres³⁸. Como testemunho da passagem de Peryassú pelo Instituto Pasteur, existe um exemplar de sua tese na biblioteca da Instituição com a seguinte dedicatória: "Ao sábio professor dr. Marchoux. Oferece o autor. Paris 13-5-08". Trata-se de Emile Marchoux (1862–1943), quem Peryassú conhecera quando da participação do pesquisador francês na Missão Pasteur, que veio estudar a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, a convite de Oswaldo Cruz, entre 1901 e 1904. Seja como for, é interessante o fato de Peryassú deixar Manguinhos, eferescente centro de estudos em entomologia médica e, apesar de suas credenciais, não ter feito especialização no exterior sobre mosquitos. Em 1907, enquanto Peryassú preparava a tese, Oswaldo Cruz planejou enviar Neiva, e não Peryassú, a Washington, para esse fim¹⁴. Esse conjunto de dados sugere que, aparentemente, não estavam nos planos nem de Peryassú e nem de seu orientador o aprofundamento, a especialização e a construção da carreira de Peryassú como entomologista. E, de fato, sua vocação e sua experiência, como médico

* Parte do material iconográfico da tese encontra-se preservado no acervo do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

e sanitaria no SPFA, foram requisitadas naquele momento, sobrepondo-se ao estudo da taxonomia, sistemática e biologia dos mosquitos pelo resto de sua vida profissional. Talvez por isso, focado em outras atividades profissionais, Peryassú tenha subsequentemente tratado de forma mais superficial o estudo da sistemática desses insetos. Ainda assim, o conhecimento que acumulou nesse campo de estudos permitiu o aperfeiçoamento das suas ações como sanitaria e a realização de certas contribuições para as pesquisas básica e aplicada em mosquitos, como veremos mais à frente.

Assim, entre 1909 e 1917, Peryassú teve importante atuação nas áreas do sanitaria e ensino em Belém. Como médico bacteriologista do Serviço Sanitário do Estado, participou da luta empreendida pelo governador João Coelho (1852–1926) para livrar a cidade dos surtos epidêmicos de malária e febre amarela. Nesse contexto, foi nomeado chefe da Comissão de Saneamento para Combate à Malária, que erradicou a doença nas regiões do Marco da Léguas, Pedreira e Canudos (1909)³⁹, e médico auxiliar na célebre Comissão de Profilaxia da Febre Amarela, comandada por Oswaldo Cruz (1910–1911). Mesmo após ter deixado Manguinhos, Peryassú manteve laços pessoais e profissionais com seu diretor⁴⁰ que, em visita a Belém, em 1910, indicou três ex-discípulos, entre os médicos locais, para a comissão: Jayme Aben-Athar (1883–1951), Afonso Mac-Dowell (1881–1958) e o próprio Peryassú⁴¹. A Comissão teve êxito e, em outubro de 1911, Oswaldo Cruz comunicou ao governador a erradicação da epidemia amarilica na capital paraense.

Ainda nesse período, Peryassú se dedicou também ao ensino secundário e superior nas seguintes instituições: Colégio Progresso Paraense, Escola Normal, Faculdade Livre de Direito, Escola Livre de Odontologia e Escola de Farmácia, da qual foi diretor^{19,20,42}. Como médico, também atuou em consultórios particulares, no Hospital da Caridade e integrou a União Acadêmica do Pará e a Comissão de Microbiologia da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará^{43,44,45}.

Não há traços do desenvolvimento de pesquisa entomológica original feita por Peryassú nos anos em que esteve em Belém, tendo publicado apenas um folheto, "Prophylaxia da febre amarela", com instruções para o combate à doença⁴⁶, e uma extensa matéria na primeira página do jornal Estado do Pará sobre clima, endemias e insetos vetores, intitulada "Saneamento do Pará"⁴⁷. Entretanto, no exercício de suas ações sanitárias, prosseguiu eventualmente coletando insetos hematófagos, inclusive mosquitos, como indicam os agradecimentos feitos por Lutz e Neiva, pesquisadores de Manguinhos⁴⁸.

Peryassú retornou ao Rio de Janeiro no dia 4 de junho de 1917⁴⁹. Nesse ano atuou como fiscal e consultor da Empresa de Produtos de Guaraná⁵⁰ e médico, dando consultas como especialista em

"moléstias tropicais e vias urinárias" ou de doenças do estômago, intestino, pulmão e geniturinárias, com destaque para a sífilis, na rua Gonçalves Dias, n.º. 41, no Centro da cidade, onde também fazia exames laboratoriais^{51,52,53}.

Em 1918, dez anos após realizar a tese em Manguinhos, Peryassú foi contratado como naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ) pelo paraense Bruno Lobo (1884–1945), diretor da Instituição, e retomou suas atividades como entomologista⁵⁴. O contrato foi renovado em 1920, por mais três anos, e finalizado em 31 de dezembro de 1922⁵⁵. Como atribuição específica, Peryassú deveria incorporar os culicídeos capturados à Coleção Entomológica do Laboratório de Entomologia Geral e Aplicada⁵⁶, que era composta essencialmente por artrópodes de interesse agrícola e não possuía uma coleção específica desses dípteros vetores de doenças^{57,58,59}.

Um legado digno de nota concernente à trajetória de nosso personagem como estudioso de mosquitos foi a composição de uma coleção no MNRJ dotada de uma interessante riqueza de espécies da nossa fauna culicidiana, fragmentos da qual foram doados e permutados com instituições científicas e acadêmicas do Brasil e do estrangeiro⁶⁰, como do Rio de Janeiro, Pará, Minas Gerais, Argentina e Paraguai^{61,62,63,64,65}. Sobre a doação de mosquitos para a Faculdade de medicina paraense, informou o Estado do Pará⁶⁴:

A directoria do Museu Nacional distinguiu a Faculdade com a oferta de uma completa collecção de culicidios e outra de mineralogia, organizadas por essa secção, gentileza que fica a dever esta instituição de ensino superior ao nosso conterraneo dr. Bruno Lobo, sendo essas collecções organizadas pelo naturalista, também nosso conterraneo, dr. Antonio Peryassú.

Coletar e colecionar mosquitos foram práticas intensas por parte dos pesquisadores de Manguinhos desde o início do século XX e fizeram parte da formação e do desenvolvimento da tese de Peryassú, estando ele, portanto, preparado para o projeto do MNRJ. Considerando-se a intensidade dos estudos sobre mosquitos nas duas primeiras décadas do século XX, pouco do que foi coletado pelos pioneiros culicidólogos de Manguinhos, incluindo Peryassú, chegou aos nossos dias, e o material-tipo de algumas espécies descritas na Instituição acabou perdido^{9,66}. Atualmente, existem apenas 26 exemplares de mosquitos coletados, no início do século XX, por Oswaldo Cruz (dois exemplares), Peryassú (três), Chagas (três), Neiva (quatro) e Lutz (14) na Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz (CEIOC)⁶⁷, considerada a mais antiga coleção de mosquitos no Brasil. O pouco que sobrou dos numerosos espécimes coletados pelos pioneiros de Manguinhos foi proveniente da "Antiga Coleção do Instituto" e principalmente agregado por Angelo Moreira da Costa Lima (1887–1964) à coleção histórica, da qual mais tarde seria o patrono⁶⁷.

A coleção que Peryassú montaria no MNRJ se constituiria num reforço no que concerne aos acervos sobre mosquitos no Rio de Janeiro. Foi infelizmente perdida no incêndio que destruiu grande parte do Museu, em 2018^{59,68}.

Entretanto, foi durante a organização dessa coleção no MNRJ que Peryassú voltou a se dedicar à pesquisa específica sobre a sistemática de mosquitos, ação aparentemente não executada formalmente desde a confecção da tese em 1908. Nos cinco anos em que esteve na Instituição, de 1918 a 1922, Peryassú descreveu cinco espécies novas de mosquitos: *Cellia oswaldoi* (= *Anopheles oswaldoi*), *Cellia allopha* (= *Anopheles allopha*, *nomen dubium*), publicada em parceria com Lutz no escopo de um trabalho monográfico denominado "Os anophelineos do Brasil"⁶⁹, *Chagasia maculata* [= *Chagasia fajardoi* (Lutz)], *Taeniorhynchus chrysonotum* (= *Coquillettidia chrysonotum*) e *Sabethes quasicyaneus*^{70,71,72}. Compêndio bem ilustrado e de grande repercussão, "Os anophelineos do Brasil" resume o conhecimento sobre a sistemática, biologia, comportamento, distribuição geográfica e envolvimento na transmissão da malária desses mosquitos em nosso território.

Em sua estada no MNRJ, Peryassú ainda participou, em 1919, de um ciclo de conferências públicas organizadas pela Instituição "com o fim de introduzir no Brasil o ensino superior e especializado nas Ciências Naturas [sic]"⁷³. Nesse ciclo, que contou com a participação de Alípio de Miranda Ribeiro (1874–1939) e Edgard Roquette-Pinto (1884–1954), entre outros especialistas do MNRJ, Peryassú, identificado como professor, proferiu a conferência "Os insetos hematófagos brasileiros nocivos ao homem". Alguns médicos que frequentavam o Museu também se interessaram pelas pesquisas conduzidas por ele sobre mosquitos.

A contratação de Peryassú pelo MNRJ para o estudo de mosquitos e formação de uma coleção entre 1918 e 1922, os ciclos de conferências na Instituição, incluindo insetos hematófagos como tema, e a considerável produção de textos relativos à entomologia médica assinada por ele e outros pesquisadores no Rio de Janeiro indicam que a entomologia médica se tornava cada vez mais, uma disciplina de destaque nas ciências e de grande interesse naquele momento no ambiente acadêmico brasileiro¹⁰. Fortalece essa perspectiva a fundação da Sociedade Entomológica do Brasil, a qual vários médicos foram associados e uma das quais Peryassú fez parte[†]. Ele integrou também a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, a Sociedade Brasileira de Higiene, a Sociedade de Médicos Técnicos de Laboratório, a Sociedade Brasileira de Urologia e a Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro^{75,76,77,78,79}.

De 1919 a 1922, Peryassú escreveu uma série de artigos de divulgação científica sobre flebótomos⁸⁰, hemípteros hematófagos⁸¹, pulgas⁸², moscas do berne⁸³ e, obviamente, mosquitos^{84,85}. Tais artigos foram publicados nos periódicos Saúde e A Folha Médica, semelhantes a capítulos que, em conjunto, denotavam a provável intenção da elaboração de um compêndio, não materializado na sua íntegra, sobre entomologia médica, ou zoologia médica, como se referiu o próprio autor⁸⁴:

A fim de tornar a zoologia médica brasileira mais íntima da nossa gente e, ao mesmo tempo, mais prática e atraente, iniciamos hoje uma série de artigos de divulgação sobre os "Animais do Brasil nocivos ao homem". Começamos pelos *Culicídeos*, ou mosquitos pernिलongos.

Quando no MNRJ, Peryassú combinava a ação específica de naturalista especializado em mosquitos com atividades não menos importantes nos campos do sanitário, do ensino e da divulgação da entomologia médica em geral e da medicina. Nesse último, continuou a clinicar no consultório da Rua Visconde do Rio Branco, n.º. 31, no Centro carioca, e em sua residência, na Praia de Botafogo, n.º. 248, na Zona Sul^{86,87}. Também na qualidade de "clínico de larga e seleta clientela e entomologista do Museu Nacional" foi entrevistado pela imprensa leiga em questões sanitárias sobre a necessidade da melhoria da vigilância sanitária do leite consumido no Rio de Janeiro⁸⁸. Nessa mesma época, acumulou outras funções: consultor da Empresa de Produtos de Guaraná (1918–1921)⁸⁹, microbiologista do Gabinete Médico da Associação Brasileira de Imprensa (1918)⁹⁰, diretor do Instituto e Laboratório Ehrlich (1922)⁹¹ e professor do Liceu Rio Branco, na Tijuca (1919–1920)^{92,93}, e do Curso de Saúde Pública, sediado na Policlínica Geral do Rio de Janeiro (1920)⁹⁴.

Os laços com Manguinhos pareciam não ter se desatado mesmo com mais de uma década de distância física do Instituto. Peryassú se descreveu "como um dos antigos companheiros de Carlos Chagas, no Instituto de Manguinhos" durante o seu discurso em homenagem à memória do descobridor da tripanossomíase americana, em maio de 1945⁹⁵. Carlos Chagas já tinha confiado a Peryassú a publicação original de três espécies novas de mosquitos em sua tese. A formação em Manguinhos e o duradouro intercâmbio com seus pesquisadores foram fatores importantes no recrutamento de Peryassú para assumir responsabilidades em ações sanitárias importantes. Em 1918, a "gripe espanhola" chegou ao Brasil, causando explosiva e histórica epidemia no Rio de Janeiro quando Peryassú se encontrava em atividade no MNRJ. Assim, no comando de Manguinhos e da luta contra a epidemia na capital federal, Carlos Chagas entregou aos cuidados de Peryassú a direção do Hospital Cayrú, instalado no bairro do Méier para atendimento aos acometidos pela doença⁹⁶. Já em

[†] A Sociedade Entomológica do Brasil, homônima à atualmente em funcionamento, foi fundada em 1922 por Benedicto Raymundo da Silva (1869–1943), que assumiu a sua presidência, tendo como vice-presidentes nada menos que os renomados Adolpho Lutz e Costa Lima⁷⁴.

1920, Carlos Chagas, então diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), nomeou Peryassú como inspetor do Serviço de Profilaxia Rural no Rio de Janeiro (SPRRJ)⁹⁷. Suas atribuições, como médico e inspetor, estenderam-se até 1922, ano em que teve participação ou organização de duas campanhas sanitárias importantes referentes à profilaxia e ao controle da malária dignas de menção: uma no Espírito Santo e a outra no Rio de Janeiro.

Em março de 1922, Peryassú liderou uma excursão científica de grande repercussão ao Vale do Rio Doce, no Espírito Santo, por incumbência do sanitarista Belisário Penna (1868–1939), diretor de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP. O trabalho ali realizado visou ao diagnóstico das condições sanitárias, bem como propôs ações contra a situação insalubre da região e de seus habitantes. A descrição das condições insalubres daquelas paragens e as recomendações feitas por Peryassú em seu relatório eram detalhadas, ricas e oportunas^{98,99}.

No estado do Rio de Janeiro, em 1922, iniciou-se um projeto na Baixada Fluminense, organizado pela Fundação Rockefeller, em colaboração com o governo brasileiro, cujo objetivo era testar se os métodos norte-americanos de controle da malária poderiam ser usados nos trópicos¹⁰⁰. Peryassú, vinculado ao SPRRJ e como especialista em mosquitos, integrou a equipe codirigida por Mark Frederick Boyd (1889–1968), malariologista da Fundação Rockefeller. O empreendimento foi considerado bem-sucedido e pioneiro no que concerne à profilaxia e controle da malária no Brasil¹⁰¹. Peryassú atuou nele até 1923. Mais tarde, no contexto desse projeto, os estudos em Porto das Caixas, feitos por Francis Metcalf Root (1889–1934), resultariam na descrição do mais importante vetor da malária na América do Sul, o *Anopheles darlingi*.

Após deixar o MNRJ, em 1922, Peryassú continuou a atuar como médico, professor e sanitarista em vários estados brasileiros, desenvolvendo ações relacionadas à peste, lepra, malária e febre amarela, as duas últimas sob o ponto de vista entomológico.

Assim, no que concerne às ações no campo da saúde pública e medicina, Peryassú participou intensamente dos esforços governamentais de combate a malária, febre amarela e peste na cidade do Rio de Janeiro e arredores nas funções de chefe e assistente de laboratório bacteriológico, chefe de Posto de Profilaxia Rural e inspetor dos Serviços Especiais de Saúde Pública. Na ocasião, percorreu vários bairros em campanhas sanitárias para o controle dos mosquitos e ratos vetores dessas moléstias (1923–1942)²⁰.

Na Bahia, Paraíba, Ceará, Sergipe, Alagoas, Minas Gerais e no Vale do São Francisco, respondeu pela direção e fiscalização de serviços contra a febre amarela, sob os auspícios dos governos locais, do DNSP e da Fundação Rockefeller, que havia estabelecido, em 1923, um convênio com o governo brasileiro visando à erradicação de endemias (1923–

1926)^{20,38}. A campanha anti-amarela em Pirapora, por exemplo, foi destacada como modelo de eficiência pelo governador Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (1870–1946) em sua mensagem anual ao legislativo mineiro¹⁰²:

Organizou-se então um serviço de prophylaxia específico, sob a direção do dr. Peryassú, que rapidamente debellou a epidemia, pelo combate incessante ao mosquito transmissor, cujo índice baixou a 2%, além das medidas complementares de isolamento dos doentes e vigilância sanitária dos moradores e passageiros em trânsito.

Em meio a essa numerosa demanda, visando à melhoria das condições sanitárias no país e como forma de aprimorar suas atividades profissionais, Peryassú se diplomou nos pioneiros cursos de Higiene Rural do Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo (1921)¹⁰³ e de Higiene e Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro (1928)¹⁰⁴.

Outro momento, igualmente relevante, da sua trajetória se deu na Região Norte, ao Peryassú chefiar a Delegacia Federal de Saúde, sediada em Belém, cuja jurisdição abarcava Maranhão, Amazonas, Acre e Pará. Sua gestão foi pautada em dois eixos: dar assistência aos leprosos por meio de instituições dignas para esse fim e sanear áreas malarígenas. Ao concluir seu trabalho na região, entregou renovado o Lazarópolis do Prata, no Pará, inaugurou a Colônia do Bomfim, no Maranhão, e a Ilha do Mosqueiro, também no Pará, estava livre da malária (1936–1937)^{19,105,106}.

Ainda entre as décadas de 1930 e 1940, Peryassú se manteve ativo como professor no Rio de Janeiro. Ministrou disciplinas relacionadas às suas expertises profissionais – entomologia, parasitologia, história natural e biologia – em Cursos de Malariologia do Departamento de Saúde Pública, no Colégio Pedro II, no Liceu Francês, no Instituto La-Fayette, na Universidade do Brasil e na Universidade da Capital Federal, que era vinculada à Sociedade Propagadora do Ensino^{20,107,108}.

Ao longo de sua trajetória como médico e sanitarista, (Figura 5), Peryassú também se apresentou bastante produtivo do ponto de vista acadêmico. Entre 1923 e 1947, ano em que publicou o último texto, os estudos realizados pelo paraense versaram sobre mosquitos^{109,110,111,112}, incluindo-se o seu controle^{113,114,115} e a descrição de três espécies novas – *Uranotania argenteopennis* (= *Uranotaenia nataliae* Lynch Arribálzaga), *Cyclolepteron rockefelleri* [= *Anopheles mediopunctatus* (Lutz)], *Anopheles alagoanii* (= *Anopheles peryassui* Dyar & Knab)^{116,117,118}. No total, Peryassú descreveu dez espécies de mosquitos, sendo que atualmente só três são consideradas válidas¹⁰. É possível que a não designação de espécimes-tipo por parte de Peryassú na quase totalidade de suas espécies²⁴ tenha prejudicado a fixação de suas identidades e sido um fator decisivo na perda da validade de algumas.



Fonte: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Figura 5 – Registro da visita dos membros do VI Congresso Brasileiro de Higiene ao Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, em outubro de 1947. Peryassú (primeira fila, quinto da esquerda para a direita) posa em posição prestigiosa ao lado do diretor da instituição, Henrique Aragão (terno preto, ao centro)

Sua produção literária entre 1923 e 1947 incluiu ainda os temas saneamento^{119,120,121}, epidemiologia^{122,123,124,125} e impactos na saúde pública relativos a uma variedade de agravos, com destaque para aqueles transmitidos por mosquitos¹²⁶ ou pulgas¹²⁷, com especial atenção para a Amazônia.

Peryassú se aposentou como médico sanitário do então Ministério da Educação e Saúde, em 1950¹²⁸, e morreu, no Rio de Janeiro, em 29 de março de 1962, aos 82 anos¹²⁹.

CONCLUSÃO

"Este homem, que tanto deu de seu trabalho intelectual e físico, enfrentando todos os fatores adversos no desconforto do nosso 'hinterland', foi e será um exemplo."

Noticiário³⁸.

Nos 46 anos que sucederam o seu ingresso ainda como estudante de medicina no SPFA para combater a epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro em 1904, Peryassú contribuiu de forma significativa para o saneamento do Brasil por meio de seu conhecimento e prática multidisciplinar, versatilidade e capacidade de resposta aos desafios, desdobrando-se da clínica médica à entomologia básica, da atividade de campo ao planejamento e tomada de decisão, da investigação ao microscópio ao ensino, da difusão da ciência ao público leigo à volumosa produção de textos acadêmicos. Essa longa trajetória revela a identidade

e o legado de um personagem pouco conhecido, que acompanhou o contexto das transformações ocorridas nos campos das práticas científicas e sanitárias no Brasil na primeira metade do século XX, cujo retrato esta resenha procurou apresentar.

AGRADECIMENTOS

À Cristina Serejo, Marcia Couri e Maria Conceição Messias (MNRJ), respectivamente, por incentivar a divulgação do inventário da coleção Peryassú, por nos proporcionar informações sobre coleções de insetos do MNRJ pós-incêndio e por compartilhar documentos sobre o contrato de trabalho de Peryassú no MNRJ.

À Monique de Albuquerque Motta e Teresa Fernandes Silva-do-Nascimento (Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro), por discutirem aspectos históricos e entomológicos sobre Peryassú.

A Marcius Peryassú e Carlos Eduardo Netto Teixeira, por compartilharem documentos da família de Peryassú para ilustrar o artigo.

APOIO FINANCEIRO

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo 312446/2018-70).

CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram não existir conflitos de interesse.



REFERÊNCIAS

- 1 Caponi S. Trópicos, microbios y vectores. *Hist Cienc Saude Manguinhos*. 2002;9(Supl):111-38.
- 2 Marquardt WC, editor. *Biology of disease vectors*. 2nd ed. Burlington, MA: Elsevier Academic Press; 2005.
- 3 Theobald FV. *A monograph of Culicidae or mosquitoes*. London: British Museum (Natural History); 1901.
- 4 Dyar HG. Remarks on genitalic genera in Culicidae. *Proc Entomol Soc Wash*. 1905;7(1):42-9.
- 5 Dyar HG, Knab F. The larvae of Culicidae classified as independent organisms. *J New York Entomol Soc*. 1906 Dec;14(4):169-230.
- 6 Howard LO, Dyar HG, Knab F. *The mosquitoes of North and Central America and the West Indies*. Washington: Carnegie Institution of Washington; 1912-1917.
- 7 Lane J. *Neotropical Culicidae*. Vol. 1, Dixinae, Chaoborinae and Culicinae, tribes Anophelini, Toxorhynchitini and Culicini (Genus *Culex* only). São Paulo: Universidade de São Paulo; 1953.
- 8 Lane J. *Neotropical Culicidae*. Vol. 2, Tribe Culicini, Deinocerites, Uranotaenia, Mansonia, *Orthopodomyia*, *Aedomyia*, *Aedes*, *Psorophora*, *Haemagogus*, tribe Sabethini, *Trichoprosopon*, *Wyeomyia*, *Phoniomyia*, *Limatus* and *Sabethes*. São Paulo: Universidade de São Paulo; 1953.
- 9 Gaffigan TV, Wilkerson RC, Pecor JE, Stoffer JA, Anderson T. *Systematic catalog of Culicidae* [Internet]. Maryland: Walter Reed Biosystematics Unit; 2019 [cited 2021 Jul 16]. Available from: <http://www.mosquitocatalog.org>.
- 10 Harbach RE. *Mosquito taxonomic inventory* [Internet]. 2021 [cited 2021 Jul 6]. Available from: <https://mosquito-taxonomic-inventory.myspecies.info>.
- 11 Lutz A. Waldmosquitos und Waldmalaria. *Centralbl Bakteriol Parasitenkd Infekt*. 1903;33(4):282-92.
- 12 Bourroul C. *Mosquitos do Brasil* [tese]. Bahia: Oficina Typographica; 1904.
- 13 Goeldi EA. *Os mosquitos no Pará*. Belém: Wiegandt; 1905.
- 14 Benchimol JL, Sá MR, organizadores. *Adolpho Lutz e a entomologia médica no Brasil (apresentação histórica)*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. (Adolpho Lutz, obra completa; vol. 2, no. 3).
- 15 Cruz OG. Contribuição para o estudo dos culicídeos do Rio de Janeiro. *Bras Med*. 1901;15(43):423-6.
- 16 Aragão HB. Notícia histórica sobre a fundação do Instituto Oswaldo Cruz (Instituto de Manguinhos). *Mem Inst Oswaldo Cruz*. 1950;48:1-50.
- 17 Benchimol JL. *Manguinhos do sonho à vida: a ciência na belle époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz; 1990.
- 18 Papavero N, Guimarães JH. The taxonomy of Brazilian insects vectors of transmissible diseases (1900-2000) – then and now. *Mem Inst Oswaldo Cruz*. 2000;95 Suppl 1:109-18.
- 19 Costa CAA. *Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura; 1973.
- 20 Hilton R, editor. *Who's who in Latin America: part VI, Brazil*. Stanford (CA): Stanford University Press; 1948.
- 21 Franco O. *História da febre-amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Departamento Nacional de Endemias Rurais; 1969.
- 22 Ministério da Justiça e Negócios Interiores (BR). *Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Dr. J. J. Seabra, Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, em março de 1905*. Vol. 3, anexo A. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1905.
- 23 Araújo-Jorge TC, Barbosa HS, Oliveira RL, organizadores. *Uma escola para a ciência e a saúde: 111 anos de ensino no Instituto Oswaldo Cruz*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz; 2012.
- 24 Belkin JN, Schick RX, Heinemann SJ. Mosquito studies (Diptera, Culicidae). XXV. Mosquitoes originally described from Brazil. *Contrib Amer Ent Inst*. 1971;7(5):1-64.
- 25 Peryassú AG. Da nympha e do habitat da *Dendromyia medioalbipes*. *Ann Inst Manguinhos*. 1906;1(1):16.
- 26 Peryassú AG. Os culicídeos do Brasil, excepto as anophelinas. *Rev Med Sao Paulo*. 1909;12(1):2-14.
- 27 O Brasil no congresso de hygiene e demographia. A Notícia. Rio de Janeiro, 1907 ago 1-2;14(182):2.
- 28 Peryassú AG. *Os culicídeos do Brasil* [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; 1908.
- 29 A escola do dr. Oswaldo Cruz – O Instituto de Manguinhos. Um novo meio profilático. Água do mar contra os mosquitos. A tese do dr. Pery-Assú. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1908 jan 5;34(5):6.
- 30 Knight KL, Stone A. *A catalog of the mosquitoes of the world (Diptera: Culicidae)*. The Thomas Say Foundation. Vol. 6. College Park, Maryland: Entomological Society of America; 1977.
- 31 Dyar HG, Knab F. Descriptions of some new mosquitoes from tropical America. *Proc U S Natl Mus*. 1908;35(1632):53-70.

- 32 Lourenço-de-Oliveira R. Rio de Janeiro against *Aedes aegypti*: yellow fever in 1908 and dengue in 2008 - editorial. Mem Inst Oswaldo Cruz. 2008 Nov;103(7):627-8.
- 33 Peryassú AG. Os culicídeos do Brazil. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger; 1908.
- 34 Fonseca Filho O. A escola de Manguinhos: contribuição para o estudo do desenvolvimento da medicina experimental no Brasil. São Paulo: EGTR; 1974.
- 35 Ciancio N. A nota científica. Os nossos mosquitos em Londres. A sorte de um naturalista brasileiro: Theobald copia Pery Assú!. A Noite. Rio de Janeiro, 1917 ago 15;7(2034):1.
- 36 Movimento do Porto – Sahidas no dia 11. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1908 jan 12:16.
- 37 Telegrammas – Interior: Chegou da Europa o médico paraense Antonio Peryassú. O Paiz. Rio de Janeiro, 1908 nov 26;25(8820):4.
- 38 Noticiário. Rev Bras Malariol Doencas Trop. 1962;4(3):353-5.
- 39 Peryassú AG. Relatório apresentado ao exm. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado, pela Comissão nomeada para debellar a epidemia de impaludismo, reinante no Marco da Légua, Pedreira e Canudos. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará; 1909.
- 40 Telegrammas – Interior – Pará: chegou de manhã a esta capital, o Dr. Oswaldo Cruz, director do Instituto de Manguinhos. O Paiz. Rio de Janeiro, 1910 jun 27;10(9396):4.
- 41 Frahia Neto H. Oswaldo Cruz e a febre amarela no Pará. 2. ed. rev. e ampl. Ananindeua: Instituto Evandro Chagas; 2012.
- 42 Bassalo JMF. O ensino da física em Belém do Pará. Rev Bras Ens Fis. 1995 jun;17(2):152-8.
- 43 Avisos – Dr. Antonio Peryassú. Estado do Pará. Belém, 1914 nov 11;4(1308):4.
- 44 Associações. União Acadêmica do Pará. Estado do Pará. Belém, 1917 jan 31;6(2094):3.
- 45 Miranda AG, Abreu Jr JMC. A fundação da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará. Rev Pan-Amaz Saude. 2014 mar;5(1):11-8.
- 46 Peryassú AG. Prophylaxia da febre amarella. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará; 1910.
- 47 Saneamento do Pará. Clima e doenças evitaveis. Estado do Pará. Belém, 1917 fev 6;6(2100):1.
- 48 Benchimol JL, Sá MR, organizadores. Entomologia. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. (Adolpho Lutz, obra completa; vol. 2, no. 4).
- 49 Sociaes – Viajantes. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1917 jun 5;42(155):4.
- 50 A Empreza de Fon-Fon. Rio de Janeiro, 1917 dez 1;11(48):37.
- 51 Dr. Antonio Peryassú. A Noite. Rio de Janeiro, 1917 set 12;7(2062):4.
- 52 Dr. Peryassú. A Noite. Rio de Janeiro, 1917 set 20;7(2070):4.
- 53 Dr. Peryassú. A Noite. Rio de Janeiro, 1917 nov 13;7(2124):4.
- 54 Lobo B. Ofício do diretor do Museu Nacional sobre a contratação de Antonio Peryassú pela instituição. Livro “cópias de ofícios” da direção do Museu Nacional. Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional. Rio de Janeiro, 30 abr 1918.
- 55 Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio (BR). Relatório apresentado ao Sr. Presidente da República pelo Ministro de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Commercio Ildefonso Simões Lopes. Rio de Janeiro: Typographia Villas-Boas & C.; 1921.
- 56 Moreira, C. Ofício do diretor interino do Museu Nacional para Antonio Peryassú sobre o colecionamento de culicídeos na instituição. Livro “cópias de ofícios” da direção do Museu Nacional. Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 14 ago 1918.
- 57 Pamplona DM, Lamas CJE, Couri MS, Aires CCC, Borges ZM, Maia VC. Diptera collection at the Museu Nacional – Brazil: system for retrieval of information and a survey on Asiloidea, Syrphidae and Cecidomyiidae collections (Insecta-Diptera). Gayana. 2000;64(1):19-42.
- 58 Carvalho CJB, Couri MS, Toma R, Rafael JA, Harada AY, Bonatto SR, et al. Principais coleções brasileiras de Diptera: histórico e situação atual. In: Costa C, Vanin SA, Lobo JM, Melic A, editores. Proyecto de Red Iberoamericana de Biogeografía y Entomología Sistemática. Vol. 2, Monografias Tercer Milênio. Zaragoza: Sociedad Entomológica Aragonesa; 2002. p. 37-52.
- 59 Serejo CS, editora. Museu Nacional – panorama dos acervos: passado, presente e futuro [Internet]. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2020 [citado 2022 jan 28]. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/destaques/docs/panorama_de_acervos/livro_acervos_museu_nacional.pdf.
- 60 Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio (BR). Relatório apresentado ao Presidente da República pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Commercio Ildefonso Simões Lopes. Rio de Janeiro: Papelaria e Typographia Villas-Boas & C.; 1920.
- 61 Museu Nacional. O Paiz. Rio de Janeiro, 1919 abr 8;35(12598):5.

- 62 Uma oferta do Museu Nacional. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1920 abr 16;19(7717):6.
- 63 Faculdade de Medicina de Buenos Aires agradecida ao Museu Nacional. Bras Med. 1921 mai;35(22):282.
- 64 O Ensino – Faculdade de Medicina do Pará. Estado do Pará. Belém, 1919 nov 30;9(3121):4.
- 65 O Museu Nacional... O Imparcial. Rio de Janeiro, 1919 set 28;9(1351):5.
- 66 Marchon-Silva V, Lourenço-de-Oliveira R, Almeida MD, Silva-Vasconcelos A, Costa J. The type specimens of mosquitoes (Diptera, Culicidae) deposited in the entomological collection of the Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brazil. Mem Inst Oswaldo Cruz. 1996 Aug;91(4):471-8.
- 67 Coleção Entomológica do Instituto Oswaldo Cruz. Catálogo [Internet]. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2021 [citado 2021 nov 12]. Disponível em: <http://ceioc.fiocruz.br/catalogue>.
- 68 Silva-do-Nascimento T, Motta MA, Lourenço-de-Oliveira R. Inventário da coleção de mosquitos (Diptera: Culicidae) de Antonio Gonçalves Peryassú, do Museu Nacional, Rio de Janeiro [Internet]. 2020 [citado 2021 dez 12]. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/46345>.
- 69 Peryassú AG. Os anophelineos do Brasil. Arch Mus Nac. 1921;23:9-99.
- 70 Peryassú AG. Um novo anophelineo brasileiro: *Chagasia fajardoii*, var. *maculata* Peryassú. Folha Med. 1921;2(18):141.
- 71 Peryassú AG. Duas novas espécies de mosquitos do Brasil. Folha Med. 1922;3(23):179.
- 72 Peryassú AG. Uma nova espécie de culicíneo brasileiro. Folha Med. 1922;3(15):117-8.
- 73 Museu Nacional (RJ). Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Ildefonso Simões Lopes, Ministro da Agricultura, Indústria e Commercio, pelo Professor Bruno Lobo, Director do Museu Nacional. Anno de 1919. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; 1920.
- 74 Rafael JA, Melo GAR, Carvalho CJB, Casari S, Constantino R, editores. Insetos do Brasil: diversidade e taxonomia. Ribeirão Preto: Holos; 2012.
- 75 Sociedade de Medicina e Cirurgia. O Jornal. Rio de Janeiro, 1922 out 11;4(1147):10.
- 76 Sociedade Brasileira de Hygiene. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, 1922 dez 15;96(346):4.
- 77 Carlos Chagas. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1934 dez 14;44(298):11.
- 78 As eleições dos vereadores classistas. O Jornal. Rio de Janeiro, 1935 jul 17;17(4836):5.
- 79 Eleita a diretoria da Sociedade de Biologia. A Noite. Rio de Janeiro, 1940 mar 24;29(10099):4.
- 80 Peryassú AG. Os phlebotomos e o seu papel na pathologia. Folha Med. 1920;1(10):73-7.
- 81 Peryassú AG. Os hemípteros hematophagos nocivos ao homem, encontrados no Brasil; sua biologia e seu papel como autores de doenças. Folha Med. 1921;2(3):17-22.
- 82 Peryassú AG. As pulgas e seu papel na ethiologia. Folha Med. 1921;2(4):25-31.
- 83 Peryassú AG. Os mosquitos portadores de ovos da mosca do "berne" (nota prévia). Folha Med. 1922;3(14):105.
- 84 Peryassú AG. Culicídeos do Brasil nocivos ao homem. Saúde. 1919;2(1):41-5.
- 85 Peryassú AG. Biologia dos anophelineos brasileiros. Saúde. 1919;2(2):145-58.
- 86 Indicador: clínica médica: Dr. Peryassú. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1918 mai 19;17(7022):10.
- 87 Dr. Peryassú. A Noite. Rio de Janeiro, 1919 jan 21;9(2553):4.
- 88 Como resolver o problema do leite. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1920 dez 13;45(344):4.
- 89 Clamorosa indignidade. Como se envenena no Rio. Beberagens nocivas! O Paiz. Rio de Janeiro, 1919 jan 16;35(12516):7.
- 90 O decênio da Associação de Imprensa. A Razão. Rio de Janeiro, 1918 abr 8;3(475):5.
- 91 O Laboratório Ehrlich na exposição do centenário. Fon-Fon. Rio de Janeiro, 1922 nov 25;17(47):69.
- 92 Lyceu Rio Branco. O Tico-Tico. Rio de Janeiro, 1919 dez 24;14(42):13.
- 93 Lyceu Rio Branco. O Malho. Rio de Janeiro, 1920 fev 7;19(908):37.
- 94 Os progressos da hygiene no Brasil. Foi inaugurado hoje um curso de Saúde Pública. A Noite. Rio de Janeiro, 1920 dez 1;10(3226):1.
- 95 Peryassú AG. Homenagem à memória de Carlos Chagas e Evandro Chagas. Bol Hig Saude Publica. 1945;4(6):10-4.
- 96 A epidemia e a miséria. Hospital Cayrú, no Meyer. Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 1918 out 30;43(301):3.
- 97 A prophylaxia rural. Foram nomeados os médicos para o Districto Federal. A Razão. Rio de Janeiro, 1920 dez 9;5(1443):8.
- 98 Peryassú AG. Considerações médico-sanitárias e biológicas do Vale do Rio Doce. Folha Med. 1922;3(14):50-104.
- 99 O Brasil desconhecido. Uma excursão científica pelo Valle do Rio Doce. O Paiz. Rio de Janeiro, 1923 abr 30;39(14071):3.

- 100 Agindo contra as endemias ruraes. Como a Rockefeller move a campanha à malária. Os seus primeiros trabalhos de experimentação no território brasileiro. A Noite. Rio de Janeiro, 1922 nov 6;12(3926):1.
- 101 Gadelha P. Conforming strategies of public health campaigns to disease specificity and national contexts: Rockefeller Foundation's early campaigns against hookworm and malaria in Brazil. Parassitologia. 1998 Jun;40(1-2):159-75.
- 102 Andrada ACR. Mensagem apresentada por Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Presidente do Estado de Minas Geraes, ao Congresso Mineiro. Bello Horizonte: Imprensa Official; 1927.
- 103 Um curso de saúde pública no Instituto de Hygiene de S. Paulo. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1921 dez 30;21(8337):4.
- 104 Os novos higienistas do Brasil. O Jornal. Rio de Janeiro, 1928 out 13;10(3031):5.
- 105 Assistência aos leprosos no Pará. Melhoramentos de monta no Lazaropolis do Prata. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1937 abr 17;36(13016):12.
- 106 A Colônia do Bomfim. O Imparcial. São Luís, 1937 abr 28;12(5559):1.
- 107 Notas e informações. Bras Med. 1941 abr;55(16):302.
- 108 Soares JC, Silva GM. Dentre a reforma Rocha Vaz e o Estado Novo: os professores suplementares do Colégio Pedro II. Hist Educ. 2018 set/dez;22(56):146-64.
- 109 Peryassú AG. Os culicídeos do Brasil: catálogo das subfamílias, gêneros, espécies e synonymias de mosquitos pernिलongos encontrados no Brasil. Folha Med. 1923;5(8):61-3.
- 110 Peryassú AG. Os culicídeos do Brasil: catálogo das subfamílias, gêneros, espécies e synonymias de mosquitos pernिलongos encontrados no Brasil. Folha Med. 1923;5(9):69-71.
- 111 Peryassú AG. Os culicídeos do Brasil: catálogo das subfamílias, gêneros, espécies e synonymias de mosquitos pernилongos encontrados no Brasil. Folha Med. 1923;5(10):74-6.
- 112 Peryassú AG. Os culicídeos do Brasil: catálogo das subfamílias, gêneros, espécies e synonymias de mosquitos pernилongos encontrados no Brasil. Folha Med. 1923;5(11):85-7.
- 113 Peryassú AG. Plantas como criadouros de larvas de mosquitos. Arch Hyg. 1929;3(2):279-82.
- 114 Barreto JB, Peryassú AG. Da aspersão de inseticidas na profilaxia da febre amarela. Arch Hyg. 1929;3(1):405-24.
- 115 Peryassú AG. O emprego de peixes na destruição das larvas de mosquitos. Folha Med. 1930;11(14):160-2.
- 116 Peryassú AG. Uma nova espécie de mosquito do Brasil. Folha Med. 1923;4(1):2.
- 117 Peryassú AG. Uma nova espécie de anophelineo do gênero *Cyclolepidopteron*. Folha Med. 1923;4(9):68-9.
- 118 Peryassú AG. *Anopheles alagoani* (n. sp.) Peryassú. Folha Med. 1925;6(22):258-9.
- 119 Peryassú AG. Profilaxia da febre amarela no Brasil. Arch Hyg. 1927;1(2):49-86.
- 120 Peryassú AG. A malária no Brasil, sua profilaxia e distribuição geográfica. Folha Med. 1940;21:84-9.
- 121 Peryassú A. Saneamento da Amazônia. Impressões, comentários e sugestões sobre os Serviços do S.E.S.P. no Pará. Hospital. 1944 dez;26(6):1039-50.
- 122 Peryassú A. A malária e a economia nacional. Observ Econom Finan. 1943 mar;8(86):43-52.
- 123 Peryassú A. A luta contra o rato. Observ Econom Finan. 1943 jan;7(84):40-8.
- 124 Peryassú AG. Os Kerteszias na epidemiologia da malária. Folha Med. 1943;24(1):213-5.
- 125 Peryassú A. Educação e saúde do povo. Rev Bras Estud Pedag. 1947 jan-fev;10(26):102-5.
- 126 Peryassú A. O impaludismo no Pará. Bras Med. 1937 set;51(39):995-7.
- 127 Peryassú A. Determinação dos focos latentes de peste, pelo exame systemático de ratos, para a verificação de portadores da "*Pasteurella pestis*". Bras Med. 1934 mar;48(11):190-1.
- 128 Decretos assinados em diversas pastas. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1950 fev 1;49(17449):2.
- 129 Atos religiosos: Prof. Dr. Antonio Gonçalves Peryassú (Falecimento). Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 1962 mar 30;61(21167):4.

Recebido em / Received: 25/4/2022
Aceito em / Accepted: 14/7/2022

Como citar este artigo / How to cite this article:

Lourenço-de-Oliveira R, Lourenço FS. Antonio Gonçalves Peryassú e o estudo dos mosquitos para sanear o Brasil: uma resenha biográfica. Rev Pan Amaz Saude. 2022;13:e202201328. Doi: <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-6223202201328>